

3.3 Género e desigualdades no trabalho

Apesar da situação das mulheres no mercado de trabalho ter vindo a melhorar, ainda existem importantes diferenças que não devemos esquecer.

3.3.1 Segregação horizontal

A presença das mulheres no mercado de trabalho aumentou, mas a sua situação não é igual à dos homens. Continua a existir discriminação e segregação com base no género.

Discriminação direta

Resulta de práticas que provocam um tratamento desigual e desfavorável para um grupo ou um género.

Discriminação indireta

Resulta de situações, leis ou práticas que parecem neutras mas resultam em desigualdades para determinadas pessoas ou grupos.

A discriminação, como conceito geral, resulta de preconceitos negativos dirigidos a um grupo de pessoas. A discriminação pode ser direta ou indireta. A **discriminação direta** acontece quando se verificam práticas que resultam num tratamento desigual e desfavorável para um grupo, ou um dos géneros. Por exemplo, se não se permite a entrada de mulheres para um dado emprego. A **discriminação indireta** está relacionada com situações, leis ou práticas que, aparentemente, são neutras (parecem favorecer tanto os homens como as mulheres), mas que resultam em desigualdades para determinadas pessoas ou grupos. Por vezes, a própria pessoa que é alvo desta discriminação pode não se aperceber da sua existência. Por exemplo, uma lei que proteja só as mulheres na maternidade (permitindo, por exemplo, que falem ao trabalho para cuidar dos filhos doentes), leva a que os homens se afastem cada vez mais das atividades de cuidar.

A discriminação direta, com base no género, é legalmente proibida em praticamente todos os países. Em grande medida, devido ao papel da UNTAET e das ações de vários grupos de mulheres timorenses, a Constituição, aprovada em 2002, considera como um dos objetivos fundamentais do estado “promover e garantir a efetiva igualdade de oportunidades entre homens e mulheres”.

Seguindo a tradição das sociedades patriarcais, em que as mulheres se ocupavam sobretudo do trabalho doméstico, a participação das mulheres no mercado de trabalho começou por se fazer em empregos relacionados com esta área (como criadas ou empregadas domésticas). As mulheres desenvolveram trabalho na indústria do vestuário, no ensino ou na saúde. Hoje encontram-se em praticamente todas as profissões.

A participação de homens e mulheres no mercado de trabalho é desigual porque reflete os tradicionais papéis de género. Assim, há determinados empregos que são considerados femininos, como cabeleireira ou enfermeira, e outros que são considerados masculinos como condutor ou construtor.



Os estereótipos de género levam a que normalmente sejam os homens a cuidar dos búfalos

Quando se verifica esta participação desigual de homens e mulheres no mercado de trabalho, com algumas profissões a serem maioritariamente femininas ou masculinas, dizemos que estamos perante o fenómeno da **segregação horizontal** ou ocupacional. Este tipo de segregação resulta da tendência para as ocupações femininas se concentrarem num pequeno conjunto de profissões muito identificadas com o tipo de atividades que tradicionalmente competiam às mulheres na área doméstica, como a educação e cuidados familiares.

Segregação horizontal

Concentração de mulheres e/ou homens em diferentes tipos de atividades, ficando as mulheres confinadas a um leque mais apertado de setores ou profissões.

Atividade

Lê o seguinte texto:

É possível encontrar diferentes classificações relativas aos papéis das mulheres. Em geral encontramos referências a três tipos de papéis que ficaram conhecidos como ‘women’s triple role’ ou o ‘papel triplo das mulheres’. Em primeiro lugar, temos o trabalho reprodutivo, que inclui a reprodução biológica (ter filhos e cuidar das crianças pequenas), a reprodução geracional (cuidar dos filhos mais velhos) e a reprodução diária (trabalho doméstico de suporte àqueles que desempenham tarefas produtivas, o que inclui a gestão do lar). Em segundo lugar, encontramos o trabalho produtivo, que abrange a produção para consumo doméstico e as atividades agrícolas ou não-agrícolas geradoras de rendimento. Por último, temos o chamado trabalho comunitário, atividades e eventos desempenhados coletivamente.

Adaptado de Narciso, V. & Henriques, P. (2008). *Desenvolvimento rural, mulheres e terra – Um olhar sobre Timor-Leste*, Rio Branco-Acre: Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural.

1. Faz uma lista de tarefas que são normalmente feitas pelas mulheres.
2. Relaciona estas tarefas com os papéis sociais que os autores identificam.
3. Comenta o texto pensando no papel importante que as mulheres podem ter na redução da pobreza e no desenvolvimento económico do país.

3.3.2 Desigualdade salarial

A diferente valorização social dos traços e papéis de género leva a que o trabalho de homens e mulheres também seja classificado de diferentes formas. Assim, os trabalhos masculinos são, em geral, mais valorizados e melhor remunerados em comparação com os femininos.

Por outro lado, a segregação horizontal, ligada à tendência para a sociedade atribuir às mulheres o desempenho de profissões ligadas à área doméstica, leva a que muitas destas atividades não exijam qualificações

Segregação vertical (no âmbito do género)

Concentração de mulheres e/ou homens em vários níveis da hierarquia profissional. Frequentemente são as mulheres que se encontram nos níveis mais baixos. Mesmo nas profissões consideradas femininas, muitas vezes as mulheres continuam a ocupar as posições mais baixas na carreira profissional.

formais (por exemplo, um diploma de uma universidade). Este contexto, associado a outros fatores (como, por exemplo, o número de pessoas interessadas em desenvolver a profissão), faz com que estas profissões sejam mal remuneradas e pouco prestigiadas.

Mas, para além desta diferença, verifica-se, também, que as mulheres possuem mais dificuldades em chegar ao topo das carreiras. Este fenómeno corresponde à **segregação vertical** no mercado de trabalho.

De acordo com uma sondagem do jornal “The Economist”, em 2012, apenas 7% das mulheres em todo o mundo são membros dos conselhos de administração das empresas. Nos EUA são 15% e, no Japão, apenas, 1%. De acordo com o Catalyst Inc. (Centro de investigação sobre as mulheres e os negócios) de 2006 para 2007 a percentagem de mulheres nestes conselhos de administração subiu apenas de 14,4% para 14,8%. A este ritmo faltam 73 anos para haver uma representação semelhante de homens e mulheres no topo das organizações.

Quanto aos salários, temos o exemplo do grupo dos 27 países pertencentes à União Europeia (que inclui alguns dos 10 países mais igualitários do mundo), onde, de acordo com o Eurostat (gabinete de estatísticas da União Europeia), em 2009, as mulheres receberam, em média, 17,1 % menos do que os homens. Esta desigualdade decorre, da associação ao «masculino» que é feita do exercício do poder, e é transversal a todas as atividades. Não é apenas nas empresas que as mulheres têm dificuldade em chegar ao topo da carreira. Se pensarmos noutros domínios acontece o mesmo.

Aprofundar os conhecimentos

“(...) a 7 de dezembro de 1975 a Indonésia invadiu Díli declarando o território de Timor-Leste como a sua vigésima sétima província. Embora sendo uma ex-colónia economicamente estagnada e com uma população com níveis muito baixos de literacia e saúde, Timor-Leste resistiu, e as mulheres foram uma parte muito importante desta resistência. Uma das primeiras a ser morta foi Muki Bonaparte, uma jovem socialista. Nos meses seguintes assistiu-se ao aprisionamento, violação e tortura de centenas de mulheres, em especial, das que pertenciam à OPMT (Organização Popular da Mulher Timorense). Durante a década de 1980 as mulheres prestaram apoio à resistência armada através do fornecimento de cuidados de saúde, alimentação, roupa e dinheiro. Formaram, ainda, unidades armadas de mulheres, assim como, brigadas que lutavam lado-a-lado com as guerrilhas masculinas com “um bebé num braço e a arma no outro” (Almeida, 1996: 101). Apesar da sua resistência ativa e sofrida, o papel das mulheres na luta pela libertação tem sido largamente ignorado.”

Adaptado de Whittington, S. (2003). *Gender and peacekeeping: The United Nations Transitional Administration in East Timor.*

Assim, por exemplo, apesar do número de mulheres a participar na política ter aumentado, ainda há muito poucas mulheres chefes de governo. Também é o caso do ensino superior (universidades e outro tipo de instituições) onde a participação e o trabalho dos homens tende a ser mais reconhecido do que o das mulheres. Em muitos países, os reitores ou presidentes das universidades são, na sua maioria, homens.

Muitas vezes as barreiras que as mulheres enfrentam para chegar ao topo correspondem à discriminação indireta e é, por isso, pouco visível. Existem dificuldades visíveis e invisíveis que as mulheres, mesmo as mais qualificadas, enfrentam quando pretendem chegar ao topo da carreira. Apesar de terem acesso a todas as profissões e a todos os lugares em geral as mulheres chegam a um ponto em que estão muito próximas do topo, mas este continua a ser-lhes difícil de alcançar.



Atividade

Lê o seguinte texto:

“Na análise do discurso que tem vindo a ser produzido sobre Timor-Leste e a resistência à ocupação indonésia, verificamos que se tem debruçado quase exclusivamente sobre os homens, retratando as mulheres como vítimas passivas e submissas. Todavia, na sequência da ocupação indonésia, a contribuição das mulheres tornou-se necessária para garantir o funcionamento da resistência: no mato, combateram ao lado dos homens, cuidaram dos doentes e dos feridos, entre outras tarefas; nas vilas e aldeias, era-lhes relativamente fácil apoiarem a rede clandestina sem que ninguém desconfiasse, na medida em que eram associadas ao espaço da casa; na diáspora denunciaram a situação do país perante plateias internacionais, esforçaram-se por angariar fundos e apoios para a sua causa e divulgaram a cultura timorense no exterior. No apoio à resistência as mulheres timorenses demonstraram que eram capazes de assumir e lutar pelas causas públicas, neste caso concreto, na luta contra o ocupante. Atualmente, alcançada que está a independência nacional, a contribuição das mulheres para a resistência ainda não foi completa e suficientemente reconhecida.”

Adaptado de Miranda, S. (2011). *Percursos de resistência: Mulheres timorenses em Portugal*. In Silva, K. & Sousa, L. (Eds.) *Ita Maun Alin: O livro do irmão mais novo* Colibri. Lisboa.

No teu caderno responde às seguintes questões:

1. Na tua opinião o que justifica que o contributo das mulheres timorenses na resistência não seja reconhecido?
2. Porque a autora refere que era ‘fácil apoiarem a rede clandestina sem que ninguém desconfiasse’?
3. As mulheres tiveram um papel importante na resistência. Na tua opinião elas também podem ter um papel importante no desenvolvimento do país? De que forma?